

NÚCLEO DE PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA - SOCIAL: “VIDAS”: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Alice Carvalho (1); Letícia Dalla Costa (2); Adriane Roso (3)

1. Estudante de Psicologia
2. Mestranda PPGP Psicologia
3. Professora Associada PPGP Psicologia

(Universidade Federal de Santa Maria, anarrchique@gmail.com)

Categoria: 1 – Práticas escolares, universitárias e de formação docente

Resumo: Este trabalho se propõe a apresentar o “VIDAS: Núcleo de Pesquisa, Ensino e Extensão em Psicologia Clínica - Social”, bem como uma de suas atividades de estudos e a experiência dela advinda. A partir de discussões teóricas e da construção de um espaço onde se compartilham saberes entre mulheres sob diferentes lugares de fala, fornecemos elementos de resistência e inovação nas práticas de Psicologia.

Palavras-chave: Estudos, gênero, interseccionalidades, integração, inovação.

A partir de questões lançados pelo SENACORPUS – Seminário Corpos Possíveis no Brasil Profundo, relataremos uma atividade que partilha reflexões afins. Por exemplo, a reflexão de que instituições integradoras – e, aqui, nos situamos na universidade - têm sido espaços de normatização dos sujeitos, bem como de surgimento de narrativas que “caçam” pessoas não ajustadas no que tradicionalmente se espera e, até mesmo, de perseguição às propostas teóricas e de ação que pensem em fortalecer esses sujeitos, como é o caso dos Estudos de Gênero. Diante desse cenário, nosso objetivo é apresentar um núcleo de pesquisa e relatar a experiência de uma atividade de estudos dele advinda, bem como sua potência enquanto dispositivo de resistência aos tabus lançados na academia, conectada à sociedade.

O objetivo geral do VIDAS (Violências, Interseccionalidades, Dialogicidade, Afetividade, Saberes): Núcleo de Pesquisa, Ensino e Extensão em Psicologia Clínica-Social, da Universidade Federal de Santa Maria - RS é desenvolver

projetos de pesquisa, ensino e extensão que possibilitem a reflexão sobre como construímos nossas vidas tentando nos tornar sujeito, numa sociedade complexa onde as relações de gênero, de raça, etc, são mediadas por condições histórico-culturais e psicossociais que antecedem nossa existência. O núcleo busca formação e capacitação de recursos humanos, a partir da necessidade de tornar visível problematizações específicas sob a perspectiva da Psicologia Social Crítica, de modo a provocar pequenas transformações: micro-revoluções em territórios cerceados por discursos e representações sociais que transformam vidas precárias em não-existências.

Os elementos que dão origem à sigla que nomeia o VIDAS são eixos norteadores daquilo que constatamos como carências nas análises acadêmicas, e que são fundamentais para pensarmos modos de vida mais justos. São transversais, ou seja, permeiam os projetos guarda-chuva e de mestrado que advém do núcleo.

A começar pelo “V”: Violências. Entendemos que a violência não é uma punição justa pelo que sofremos, tampouco uma vingança justa pelo que sofremos. Ela delinea uma vulnerabilidade da qual é difícil escapar, mas sua análise pode ajudar a compreender que nenhum de nós está separado de todo, que estamos, muitas vezes, à mercê de outros. Nesse sentido, esta categoria de análise dos projetos do núcleo busca refletir sobre violências em contextos variados, como instituições e ruas. Citamos como exemplo o projeto de dissertação de mestrado que promove a Atividade de Estudos Temática (AET) aqui apresentada: “Acolhimento Institucional, Gênero e Interseccionalidades”. Consiste em reunir pessoas interessadas em discutir a temática do Acolhimento Institucional, dentro da política de Assistência Social, a partir da experiência profissional da mestranda que media a atividade. Durante esse trabalho, pode-se observar violências nos discursos que circundam gênero dentro da instituição e a pesquisa surgiu considerando a necessidade de aprimoramento das práticas nesse contexto.

No que tange às Interseccionalidades, salientamos “as desigualdades dentro de grupos marginalizados” (STROLOVITCH, 2007, p.59). Haja vista que o projeto de mestrado citado atenta para gênero, se faz impossível pensar esta categoria sem articulá-la com outros marcadores sociais, como raça e classe. A interseccionalidade mostra, por exemplo, que algumas mulheres de baixa renda podem "constituir um subgrupo de mulheres interseccionalmente em desvantagem, já que elas enfrentam a marginalização econômica e baseada no gênero" (IBIDEM, p.59). Um modo de considerar as interseccionalidades é realizando o procedimento da tradução, um processo

intercultural, que tenta saber o que há de comum entre um movimento indígena e outro de afrodescendentes, onde estão as distinções e as semelhanças. (SANTOS, 2007).

O que torna possível o enlace entre o estudo crítico e as revoluções que desejamos é Dialogicidade. O elo que buscamos entre pesquisadores e participantes do projeto é baseado em fazer a crítica de si mesmo, como diria Santos (2007): tensionar, colocar em dúvida as categorias teóricas clássicas da Psicologia. Ficar constantemente atento e rebelde aos discursos colonizadores e conservadores, reconhecendo o silenciamento dos oprimidos. Daí, abrir brechas no instituído para visibilizá-los, credibilizá-los. Não “fazer por eles”, mas questionar com eles. Nesse sentido, o projeto tem como parte do percurso metodológico rodas de conversa com as cuidadoras da instituição, de modo a construir, em conjunto, os dados da pesquisa.

A Afetividade, ao lado dos Saberes, indica que não há saber sem afeto. Na Psicologia, nem todas as teorias consideram a importância da vida afetiva priorizando, por vezes, o estudo da cognição (BOCK, FURTADO e TEIXEIRA, 2001). Embora a Psicologia deva ser campo científico de referência ao estudo da afetividade, essa disciplina pode acabar dirigindo seu olhar para compreendê-la de modo regulatório, sem tomá-la como produto e produtora do social. Identificar afetos e acompanhá-los nos auxilia a compreender como atribuímos sentidos aos fenômenos que nos tocam. No exemplo utilizado, não há como problematizar os discursos que circundam gênero e interseccionalidades na instituição de acolhimento sem levar em conta como tocam aos sujeitos pesquisados as relações que se estabelecem com o público atendido.

O quinto elemento da sigla VIDAS, Saberes, contempla o modo como pensamos o que cada participante de nossos estudos compartilha conosco e a dinâmica pela qual atribuem sentidos aos fenômenos, como os representam. Saberes estão em compasso com a Teoria das Representações Sociais, uma de nossas fontes. Jovchelovitch (2008) afirma que a representação “está na base de todos os sistemas de saber e compreender sua gênese, desenvolvimento e modo de concretização nos fornece a chave para entender a relação que amarra o conhecimento à pessoa, a comunidades e mundos da vida” (p.21). Todos nós representamos e sem o ato representacional não conseguiríamos dar sentido aos fenômenos. Precisamos representar para construir laços sociais e dar sentido aos objetos que nos rodeiam. Conforme elaboramos o processo representacional, sempre a partir da relação com o/a Outro/a e com a sociedade, mudamos nossas ideias e comportamentos. Isso significa que, ao nos comunicarmos com o/a(s) Outro/a(s), as representações vão se

transformando. Deste modo, acreditamos que o contato com diferentes saberes nos convoca a pensar sobre os nossos próprios modos de enxergar a vida - daí a fundamental relação dialógica com os sujeitos pesquisados.

Os elementos do VIDAS estão presentes nas relações entre os membros da AET, parte do parte de Ensino do núcleo. A construção dos projetos e das relações entre equipe de pesquisa e sujeitos pesquisados, mesmo envolvendo temáticas duras como as violências, são permeadas por interseccionalidades, dialogicidade, afetividade e saberes. Entretanto, compomos uma parcela marginalizada na academia. Exemplo disso é que em algumas buscas realizadas no Portal de Periódicos CAPES, em 20.06.2017 e 13.12.2017, buscando por “acolhimento institucional” ou “abrigo” e “gênero”, não encontramos trabalhos que utilizassem os marcadores sociais aqui referidos a fim de pensar o Acolhimento Institucional no Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Talvez, isso ajude a encontrar razões para o que a experiência da mestranda aponta: discursos no ambiente de trabalho discriminatórios a respeito de questões de gênero, raça e classe. É preciso avançar em perspectivas teóricas que encarem os efeitos que esses marcadores produzem nas populações atendidas - e em nós mesmas - para além das que já se constituem como base para produções sobre esses espaços.

A partir de uma chamada por meio de cartazes na Universidade e redes sociais, as interessadas na temática entraram em contato com a mestranda e sua orientadora, a fim de aprofundar as discussões acerca da temática da dissertação (Acolhimento Institucional, gênero e interseccionalidades). A AET ocorre semanalmente durante, aproximadamente, 1 hora e 30 minutos. Os encontros, não raro, ultrapassam essa previsão, tendo em vista as fecundas discussões. Dentre os métodos utilizados, contamos com filmes, livros e artigos, paralelamente a momentos de conversa que articulam a perspectiva teórica com as experiências de todas. Está sob a coordenação da líder do Núcleo, Adriane Roso, professora Associada do PPGP em Psicologia da UFSM. Integrantes: Letícia Dalla Costa, mestranda do PPGP – Psicologia UFSM, Alice Carvalho da Silva dos Santos, Estudante de Psicologia UNIFRA, Daniela Porto Giacomelli e Caroline Siqueira Noal, estudantes de Psicologia UFSM. Somos diferentes no tangente à instituição de ensino, à orientação sexual, à raça, às cidades de origem, às zonas de moradia na cidade, entre outros marcadores sociais. Essas diferenças são consideradas nas discussões, como preza a interseccionalidade. Assim, visualizamos os enlaces desses marcadores também em nossas vidas. Compreendemos, ainda, que estar em grupo permite, ao entrar em contato com os Saberes da outra, refletirmos sobre nosso próprio saber (JOVCHELOVITCH, 2008) e resistirmos

enquanto mulheres, à medida em que nos dispomos a criar laços, ouvir a outra e nos fortalecer juntas profissionalmente.

Especificamente acerca do modo como a AET nos toca, atentamos para um dos elementos teóricos abarcados, os diferentes feminismos:

O foco do feminismo negro é salientar a diversidade de experiências tanto de mulheres quanto de homens e os diferentes pontos de vista possíveis de análise de um fenômeno, bem como marcar o lugar de fala de quem a propõe. Assim, o elemento representativo das experiências das diferentes formas de ser mulher estaria assentado no entrecruzamento entre gênero, raça, classe, geração, sem predominância de algum elemento sobre outro. (SOTERO, 2013, p. 36)

Podemos reivindicar diferentes pontos de análise e demarcar um lugar de fala das participantes, ao encontro das Interseccionalidades. O coletivo de nossas contribuições enquanto experiências de mulheres e seus diferentes locais de fala na construção de saberes é potente à medida em que se constitui assim um espaço de resistência às normatizações colocadas diante de nós na Universidade. Em relação a nossos laços, ao dispor de um ambiente onde a Dialogicidade e a Afetividade estão presentes e todas se sentem confortáveis para expor seus Saberes, rompemos com a lógica individualista vigente na academia - competitiva e adoecedora - além de pouco estimuladora à perspectivas teóricas não positivistas.

Ao pensar Saberes sobre Violências e Interseccionalidades, com Dialogicidade e Afetividade, é possível que as participantes da AET repensem opressões vividas, sequer percebidas como tal, isto é, perceber que algumas falas carregam preconceitos não somente diante dos sujeitos pesquisados, mas de nós mesmas. É nosso dever não somente identificá-las, mas não reproduzi-las. Podemos citar quando uma das integrantes relatou a negação presente em seus amigos em aceitá-la enquanto mulher negra, preferindo a enxergar como ‘morena’ ou ‘queimada do sol’. Até mesmo, utilizando termo pejorativo: ‘mulata’ e, ainda, alertando para não ficar muito tempo ao sol para não ‘escurecer’ mais - em uma tentativa falha de embranquecimento.

A AET, nesse sentido, vai produzindo efeitos sobre a formação e atuação em Psicologia – que não existe isolada de quem somos. Haja vista que a profissão está presente na política de Assistência Social e que esta sofre com práticas assistencialistas pautadas na benesse e não na garantia de direitos (COUTO, 2015), é necessário levantar questionamentos a respeito das ferramentas com as quais profissionais da área têm trabalhado, do preparo para uma atuação inclusiva e que aborde, além de questões psicológicas, fatores sociais e econômicos. Entendemos que o papel de psicólogas é pensar, também, nos efeitos que permitem ou não que determinados grupos tenham acesso a

lugares de cidadania, atentando-se, assim, para um debate que não apenas incida sobre experiências individuais.

A atividade de estudos se propõe, então, a enfrentar um vácuo que, historicamente, temos dificuldade em refletir, como considerar os efeitos que gênero pode produzir em uma criança institucionalizada, as especificidades que a classe a que pertence o sujeito podem trazer a sua experiência de acolhimento, bem como a raça.

Por fim, lembremos que durante os movimentos abolicionistas norte-americanos, por volta de 1830, mulheres brancas, ao somarem-se à luta com mulheres negras, puderam entrar em contato com a reflexão sobre as Violências vividas, refletir sobre suas próprias opressões e aprender a ocupar espaços de luta (DAVIS, 2016), a partir dos diferentes Saberes. Pensar juntas, novos modos de resistir, a partir de subjetividades advindas de distintas opressões. Essa poderosa articulação, que já produziu avanços historicamente, nos movimenta a lutar por práticas comprometidas eticamente e contribuir em nosso processo de empoderamento enquanto mulheres.

Referências

BOCK, A. M. B; FURTADO, O.; TEIXEIRA, A. De L. T. **Psicologias**. Uma introdução ao estudo de psicologia. 13a edição reformulada e ampliada. São Paulo: Saraiva, 2001.

COUTO, B. R. Assistência social: direito social ou bem-estar? **Serv. Soc. Soc.** [online]. 2015, n.124, pp.665-677.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

JOVCHELOVITCH, S. **Os contextos do saber**. Petrópolis: Vozes, 2008.

SANTOS, B. S. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Bomtempo, 2007.

STROLOVITCH, D. **Affirmative Advocacy: Race, Class, and Gender in Interest Group Politics**. Chicago: University of Chicago Press, 2007.

SOTERO, E. C. Transformações no acesso ao ensino superior brasileiro: algumas implicações para os diferentes grupos de cor e sexo. In: MARCONDES, M. M. et al (orgs.). **Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil**, Brasília: IPEA, 2013.